

DE UM ERMO DISTANTE AO POLO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: REFLEXÕES SOBRE A BAIXADA FLUMINENSE EM SENHORA DO DESTINO

FROM A DISTANT WILDERNESS TO THE POLE OF ECONOMIC DEVELOPMENT: REFLECTIONS ON BAIXADA FLUMINENSE IN SENHORA DO DESTINO



<https://doi.org/10.22228/rtf.v18i1.1401>

Andreza Patricia Almeida Gonçalves



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6628-8340>



E-mail: andreza.almeida@ufjf.br

Resumo: O presente artigo aborda a construção de diferentes narrativas sobre a Baixada Fluminense na telenovela *Senhora do Destino*. A partir de levantamento bibliográfico sobre o tema, bem como da análise do material audiovisual, exploraremos como a ficção construiu uma imaginação flexível da Baixada, que se modifica com o passar do tempo e, em um contexto maior, dialoga com diferentes representações difundidas pelo jornalismo e outros atores da esfera econômica, política e social ao longo dos anos.

Palavras-chaves: Telenovela; Baixada Fluminense; *Senhora do Destino*.

Abstract: This article discusses the construction of different narratives about Baixada Fluminense in the telenovela *Senhora do Destino*. Drawing from a bibliographical survey on the theme, along with an analysis of audiovisual material, we will explore how the series has created a flexible imagination of Baixada, which evolves over time and, in a broader context, engages with various representations disseminated by the media and other actors in the economic, political, and social spheres over the years.

Keywords: Telenovela; Baixada Fluminense; *Senhora do Destino*.

Introdução

Espaço privilegiado para a construção de memórias sociais no cenário contemporâneo, os meios de comunicação têm motivado reflexões sobre seu papel na constituição de subjetividades modernas ou mesmo da formação de identidades coletivas. Se o surgimento da imprensa e a popularização do livro criaram um ambiente de captação individual, impessoal e solitária das mensagens, com o aparecimento de cinemas, rádios e televisões, há uma nova reestruturação das relações dos homens, que passa a ser marcada por um retorno à oralidade e à visão fragmentada e não linear. Esse novo mundo, ligado

pelos meios de comunicação de massa, favoreceu novamente um sentimento de comunidade¹. O fenômeno é de tal ordem que o filósofo cunhou o termo “aldeia global” para descrever um mundo crescentemente interconectado, onde distância e isolamento geográfico foram encurtados pelas novas tecnologias de comunicação.

Sem dúvida, as transformações sociais provocadas pelo advento dos meios massivos e a revolução tecnológica criaram uma instabilidade na produção e constituição de subjetividades modernas². Nesse cenário, chama atenção o papel de produções audiovisuais, como filmes e vídeos, capazes de criar “comunidades de sentimento” nacionais, transnacionais ou até pós-nacionais, nas quais pessoas passam a imaginar e sentir coisas juntas. Essa nova forma de imaginação desabrocha, portanto, como resultado de uma mídia que cria condições de leitura, crítica e prazer comunitários.

É fato conhecido que meios impressos, principalmente jornais e romances, foram fundamentais para a representação de uma comunidade imaginada nacional³. Se por um lado, os jornais possibilitaram que notícias de locais distintos e tempos variados fossem apresentadas a partir de uma noção de comunidade, por outro, os romances foram fundamentais para a construção de um passado e de um “nós” comum identificado. Todavia, atualmente, os meios eletrônicos também participam de efeitos semelhantes, e quiçá até mais poderosos, uma vez que não atuam apenas no nível do estado-nação.

No caso das telenovelas, situadas na interdiscursividade que caracteriza o mundo, é notório sua capacidade de produzir, reproduzir ou fixar representações acerca de pessoas, espaços, fatos e datas⁴, sendo um lugar de memória e imaginação privilegiado nas sociedades urbanas. É neste sentido que um olhar mais atento sobre *Senhora do Destino* nos interessa. Sob autoria de Aguinaldo Silva, a obra estreou em junho de 2004, trazendo pela primeira⁵ vez para o horário nobre a Baixada dos brasileiros. Sucesso de audiência, a telenovela já foi reprisada duas vezes no *Vale a pena ver de novo*, em 2009 e 2017, e uma no Viva, canal pago da Globo, em 2023. Além disso, já foi exportada para mais de 20 países e se faz ainda muito presente nas redes sociais, principalmente a partir de memes de sua icônica vilã, Nazaré Tedesco, que extrapolam o universo narrativo da ficção a partir de múltiplas apropriações e reelaborações por arte do público.

¹ MCLUHAN, Marshal. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: EDUSP, 1972.

² APPADURAI, Arjun. *Modernity at large*. London: University of Minnesota Press, 1996.

³ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2009 [1983].

⁴ MOTTER, M. L. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: empréstimos e doações. In: LOPES, M. I. V. de (Org). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*. São Paulo, Loyola, 2004, p. 251-291.

⁵ Em 1979, a telenovela *Pai Herói*, de Janete Clair, tinha parte de sua trama principal situada em Nilópolis. Todavia, é em *Senhora do Destino* que a Baixada Fluminense torna-se de fato protagonista, passando a representar o Brasil na narrativa.

Ao longo de sete décadas de existência, a telenovela brasileira assumiu um lugar de destaque entre os demais formatos televisivos, sendo considerada um símbolo da cultura e da identidade nacional. Desafiando os limites entre o que é narrativa e vida, esse formato genuinamente latino-americano chama a atenção por sua agilidade em incorporar elementos da realidade do país e, não sem motivo, está sempre pautando temas e fomentando discussões, o que lhe confere um caráter mobilizador, que muitas vezes ultrapassa o controle da produção e desafia os limites entre o público e o privado.

No Brasil, a telenovela se transformou em uma ferramenta poderosa de identificação cultural. Ao criar um repertório compartilhado de representações e imaginários de uma época e vincular espaços e memórias, individuais e coletivas, às condições presentes em nossa sociedade, a telenovela age na construção da memória social e da identidade do país, podendo ser considerada, ao mesmo tempo, memória, arquivo e identidade⁶. O fato de estar profundamente localizada em nossa história e cultura faz com que a ficção televisiva exponha as tensões sociais, identidades e valores das sociedades às quais se vinculam e, não sem causa, possuem uma grande relevância econômica e cultural.

Se as telenovelas são um discurso sobre o Brasil e a sociedade brasileira, a competição entre diferentes emissoras fez com que cada uma assumisse uma diferente versão do país⁷. Nesses termos, a Rede Globo se consolidou como uma marca moderna de Vênus platinada, muito fortemente marcada pelo consumismo, pela liberalização de costumes, bem como pela incorporação de elementos da cultura popular. Seu modo de produzir telenovela foi, aos poucos, afirmando suas características estilísticas e um modo de fazer que ficou conhecido como “brasileiro”.

Historicamente consolidadas como uma “narrativa da nação”⁸, notório é o fato de que o Rio de Janeiro – geralmente apresentado a partir da Zona Sul – é a cidade que mais aparece nos enredos do horário nobre. A forte presença do Rio como referência nacional tem ajudado a Rede Globo na divulgação da imagem de um Brasil que é, ao mesmo tempo, urbano e tradicional, síntese de modernidade e desenvolvimento⁹. Não parece ser sem motivo, portanto, que a Baixada Fluminense e outros territórios considerados à “margem” não são cenários comuns nas telenovelas. Mesmo dentro da cidade do Rio raras são as

⁶ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Memória e Identidade na Telenovela Brasileira*. Artigo publicado como paper digital para o XXIII Encontro Anual da Associação Nacional da Pós-Graduação em Comunicação (Belém -PA). Compós, 2014. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002659666.pdf>. Acesso em: 16/10/2024.

⁷ HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. *Lua Nova*, n.82, pp.61-86, 2011.

⁸ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, n. 26, p.17-34, 2003; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. *MATRIZES*, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2009.

⁹ STOCCO, Daniela. A presença do Rio de Janeiro nas ‘novelas das oito’ de 1982 a 2008. *Baleia na Rede*, n.6, p.204-220, 2009. Disponível em: <http://www.bjis.unesp.br/ojs2.4.5/index.php/baleianarede/article/view/1451/1276>. Acesso em 14/03/2024.

produções que trabalham com o subúrbio, afinal, esses lugares¹⁰ – que muitas vezes acionam um imaginário já consolidado pela perspectiva da ausência, da pobreza ou mesmo do atraso – não necessariamente remetem à imagem que os produtores de telenovela querem construir de Brasil, que tem a modernidade como foco, principalmente se considerarmos as produções do *prime time* e seu apelo mais realista.

Nos últimos anos, contudo, as camadas populares e lugares considerados à “margem” da sociedade, como favelas e subúrbios, têm ganhado cada vez mais visibilidade nas produções televisivas, deixando o papel de constantes coadjuvantes nas narrativas para assumirem papel de protagonismo. No caso de *Senhora do Destino*, inserida dentro de um movimento mercadológico, onde a Rede Globo passa a incorporar – a partir de suas telenovelas – um processo de valorização de lugares socialmente desvalorizados, a trama aponta para a tentativa da emissora de captar e expressar as modulações socioeconômicas vividas no Brasil, embaladas pelo vigor do lulismo dos anos 2000.

No marco de seus 20 anos de estreia, e dada sua relevância para a televisão brasileira, o presente artigo buscará elucidar como a telenovela *Senhora do Destino* construiu seu imaginário de Baixada Fluminense ao longo da trama. A partir de um levantamento bibliográfico sobre o tema e da análise do material audiovisual, exploraremos como a construção da Baixada Fluminense na obra de Aguinaldo não se dá de forma fixa e unilateral, pelo contrário: o território adquire diferentes feições e discursos ao longo da narrativa, a depender de seu contexto histórico.

Ainda no que toca ao desenho metodológico do presente trabalho, tomamos como inspiração a análise imanente de Ismail Xavier¹¹ (1993), abordagem crítica capaz de compreender uma obra audiovisual a partir tanto de seus elementos internos – isto é, sua forma, estrutura narrativa, estilo visual, sonoro e técnico – quanto de suas implicações ideológicas, políticas e históricas. Esta opção nos permitirá iluminar como a telenovela de Agnaldo Silva, sua forma e conteúdo, estão intimamente ligados a um campo de forças sociais e históricas que devem ser pensados de modo dialético. Para melhor trabalhar tais questões, dividiremos nossa análise a partir da análise de períodos históricos que contemplam a obra, que vai do fim da década de 1968 até meados dos anos 1990.

A década de 1960 e a figura de Tenório Cavalcanti

¹⁰ Sabemos que subúrbio do Rio e favela não são a mesma coisa, porém as margens não são homogêneas (Das e Poole, 2008). Dessa forma, resguardadas suas diferenças e especificidades, subúrbios, periferias e favelas são lugares que podem ser considerados margens do Estado. DAS, Veena; POOLE, Deborah. El Estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. *Cuadernos de Antropología Social*, n. 27, p. 19–52, 2008.

¹¹ XAVIER, Ismail. *A alegoria do cinema brasileiro: indústria, estética e representação*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Apesar de curta, a primeira fase de *Senhora do Destino* dá o tom que perpassa toda a narrativa. O enredo principal gira entorno da vida de Maria do Carmo, retirante nordestina que migra para o Rio de Janeiro com os cinco filhos na esperança de um futuro melhor. Abandonada pelo marido e sem expectativa de vida, a protagonista chega à capital carioca no dia da instituição do AI-5 e se depara com o terror da ditadura militar. O ano era 1968. Perdida no meio das manifestações, Maria do Carmo tem sua filha caçula roubada e acaba presa por engano. Dias depois, é solta pelos militares em uma estrada vazia em Duque de Caxias, apresentada como um fim de mundo – um lugar onde se desova corpos dos inimigos. Ali, ela encontra seu irmão mais velho, Sebastião, morador da região, que lhe ajuda a começar a vida do zero:

“É Padre Cícero no céu e esse homem em Caxias”, disse Sebastião à Maria do Carmo logo após fechar com Tenório Cavalcanti a compra de um lote na fictícia Vila São Miguel para sua irmã recém-chegada de Pernambuco. Na cena, caracterizado como um homem alto e magro, vestido de terno e gravata e adornado com uma capa preta e uma metralhadora, Tenório aparece como uma entidade local, um homem poderoso e escoltado por capangas também armados. Assim, apresentada logo no início da trama, a Baixada é primeiramente enfatizada como terra do Dr. Tenório, um fim de mundo ideal para se despedir da vida.

É justamente ali que Maria do Carmo finca suas raízes, ajudando a fundar uma nova cidade e fazendo fortuna no ramo de materiais de construção. Já com os meninos e uma casa nova, a protagonista vê naquele ermo distante a possibilidade de mudar de vida, como pode ser observado no trecho a seguir, que reproduz um diálogo entre ela e seu irmão Sebastião:

Maria do Carmo: E esse bando de terreno vazio por aí?

Sebastião: Já tem dono. Só falta construir.

Maria do Carmo: Eu sei. Enquanto a gente vinha pela estrada eu tava pensando, por enquanto esse lugar é apenas um ermo, mas um dia a cidade vai ter que chegar até aqui e pra isso o povo vai ter que construir muito. A gente que chegou primeiro pode tirar proveito disso.

Sebastião: Como?

Maria do Carmo: Eu vou ter que ter meu ganha pão, é ou não é? Pra poder criar meus menino, ir atrás de Lindalva. Eu sempre trabalhei muito, Sebastião. Não vai ser agora que eu vou parar, não. Não vou ficar sentada debaixo daquela árvore vendo esse lugar crescer. Eu sonhava em ter meu lugar no mundo. Parece que esse sonho se realizou. Deus me trouxe até aqui e vai trazer outros que, como eu, têm o mesmo sonho. Vila São

Miguel vai crescer é muito. E a gente pode fazer parte desse crescimento. Sabe como? Vendendo material de construção.

Sebastião: Puxa! Tu ta pensando em botar uma loja?

Maria do Carmo: Nem que seja uma tendinha. Não tem nenhuma por perto. A gente teve que ir longe para buscar tijolo.

Sebastião: É uma ideia danada de boa. Mas cadê o dinheiro?

Maria do Carmo: Por acaso tu não tem nenhum guardado?

Sebastião: Tenho, mas não posso deixar o emprego na casa do Barão e me meter numa aventura. Lá é seguro, e aqui?

Maria do Carmo: Tu entra com o dinheiro e eu faço o resto. Trabalho de sol a sol se for preciso. Por enquanto é um fim de mundo na beira da estrada, mas um dia, parece que eu tô até vendo, vai ser um lugar danado de bonito. Vila São Miguel. É aqui que eu vou criar meus filhos: Reginaldo, Leandro, Viriato, Plínio e Lindalva. Ocê não pense que eu vou me esquecer de Lindalva, não. Eu não vou desistir é nunca de correr atrás dela. Pode passar mil anos e eu vou continuar atrás dela. Mas um dia ela há de voltar para mim.

Olhando, emocionada, para os terrenos vazios em sua volta, a paisagem começa a tomar forma. Com rápidos *flashes* de diferentes registros audiovisuais da Zona Sul do Rio e da fictícia Vila São Miguel sendo mobilizados e sobrepostos para a construção da ideia de dinamicidade, as casas começam a surgir, a praça vai se formando, o distrito vai tomando os contornos que tem durante a trama, e a jovem Maria do Carmo dá lugar a uma mulher madura e bem sucedida que, orgulhosa, contempla a alegria de um sonho realizado. Vila São Miguel já é um distrito, e ela, dona da loja *Do Carmo material de construção*. A figura de Tenório abre espaço para a de Maria do Carmo, que agora faz nova história na região. A seguir, a primeira imagem da Baixada Fluminense apresentada na trama num momento em que a narrativa se passava no final dos anos 1960.

Figura 1 – Tenório Cavalcanti vende lote para Sebastião. No detalhe, sua capa preta e sua inseparável metralhadora



Fonte: divulgação na internet

Desse pequeno fragmento, apresentado nos primeiros capítulos, é possível observar como Aguinaldo Silva se vale das representações que o jornalismo fazia da Baixada Fluminense na época para compô-la em sua narrativa. Como se sabe, os meios de comunicação de massa foram um dos grandes difusores da noção de violência atrelada à região¹². Nesse cenário, a trajetória do político e pistoleiro Tenório Cavalcanti foi fundamental para a consolidação da imagem da Baixada como faroeste fluminense e “terra sem lei”. Conhecido pelas lutas de terra e pelo processo de loteamento que marcou região, Tenório deu visibilidade à Baixada Fluminense, que até meados de 1960 tinha pouco espaço dentro da grande imprensa¹³.

Nascido em Alagoas, Natalício Tenório Cavalcanti Albuquerque migra para o Rio de Janeiro em 1926. Ao contrário da maioria dos nordestinos, que constroem suas vidas a partir do zero, ele se beneficiou das relações familiares e dos laços de parentesco de sua influente família – os Cavalcanti de Albuquerque – que lhe proporcionaram acesso a círculos políticos e econômicos, criando uma base promissora de apoio:

Através de tal rede, Tenório aproximou-se de famílias tradicionais (inclusive pelo casamento) mas, ao mesmo tempo, manteve suas relações com os migrantes, inclusive intermediando a vinda de muitos para a Baixada e colocando-se, quando se formou em Direito, como advogado em causas de despejo e lutas pela terra. Neste sistema, projetou-se como líder regional e conseguiu penetrar nas esferas da política nacional, conseguindo expressivas votações para o Legislativo¹⁴.

¹² ENNE, Ana Lúcia. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidades*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*, p. 96.

Após se tornar um próspero proprietário de terras, Tenório se elege vereador por Duque de Caxias, em 1936, pela União Progressista Fluminense (UPF). Com o advento do Estado Novo, seu mandato é cassado no ano seguinte, por conta de sua oposição ao governo Vargas. Com a deposição de Getúlio e o fim do Estado Novo, ele filia-se à União Democrática Nacional (UDN), por onde se elege deputado estadual, em 1946.

É nesse período que Tenório se torna o primeiro, e possivelmente o único, parlamentar do Brasil a portar armamento pesado¹⁵. Com uma licença especial concedida pelo general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, que se estende a vários de seus funcionários, Tenório — já famoso por sua inseparável capa preta, que escondia o colete de aço que sempre utilizava — começa a carregar uma metralhadora, de apelido “Lurdinha”.

Sua projeção nacional, contudo, consolida-se em 1953, não tanto por seu mandato como deputado federal, mas pela explosão de violência vinculada ao seu nome. Com um histórico de 47 ferimentos a bala, 28 episódios violentos e oito prisões, e uma trajetória política marcada pelo uso da violência e da coerção como meios políticos legítimos¹⁶, cria-se em torno de sua pessoa toda uma mistificação, muito apoiada por sua fama de “ter o corpo fechado”. Tal fato foi reforçado ainda mais quando, em 1954, Tenório funda seu próprio jornal *Luta Democrática*, fruto de uma estratégia eleitoral que procurava difundir imagens sobre sua própria pessoa.

Apresentado como o herói destemido, de capa preta e metralhadora, que defendia o povo, o apelo sensacionalista de seu jornal lhe garantiu uma grande penetração popular, que reverberou tanto na imprensa local como nos grandes jornais da capital. A partir de então, a Baixada Fluminense passa a ocupar com maior frequência as páginas dos diários nacionais, especialmente as matérias destinadas a casos de polícia, conflitos de terras, e disputas políticas marcadas por práticas violentas:

Portanto, seja através da ação direta via *Luta Democrática* ou como uma figura constantemente representada nos discursos da imprensa sobre Baixada Fluminense Tenório vai ser definitivamente associado à região. Nesse momento, está se firmando a imagem da BF como um espaço violento, sem lei, um “faroeste fluminense”, como indicado acima. Como explica Marlúcia Souza: “a imagem de Caxias, no período, pode ser expressado pelo dito popular da época: ‘Caxias é a terra onde galinha cisca para frente’, absurdo e estranho, próprio de uma região violenta que até as aves são diferentes¹⁷.”

¹⁵ ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, RJ: APPH CLIO, 2003.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ ENNE, Ana Lúcia. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidades*. *Op. cit.*, p.97.

A série de saques e depredações que ocorreu na Baixada em 5 de julho de 1962, conhecida como "quebra-quebra"¹⁸, contribuiu ainda mais para a imagem negativa da região. Esse evento marcou o surgimento de milícias formadas por comerciantes locais e foi crucial para a atuação de "grupos de extermínio" na Baixada Fluminense, uma vez que desde o golpe de 1964, e especialmente a partir de 1967, a Polícia Militar passou a ter um papel secundário na repressão imposta pela ditadura¹⁹.

Nesse contexto, o ano de 1968 — cenário inicial da telenovela — marca a consolidação da região como uma área "problemática" em termos de segurança e violência. Foi nesse ano que Duque de Caxias foi oficialmente declarada pelo governo militar como Área de Segurança Nacional, o que resultou em uma série de intervenções políticas na localidade. Apesar do pouco espaço dado a esse momento da narrativa, *Senhora do Destino* utiliza da figura midiática de Tenório Cavalcanti e do contexto social da década de 1960 para compor uma ideia inicial de Baixada Fluminense equivalente ao discurso que imperava na imprensa da época.

As décadas de 1970 e 1980: Um breve olhar

Apesar de não abordado na obra — já que há um corte entre o fim da década de 1960 para meados de 1990 — consideramos interessante delinear como a imagem de Baixada Fluminense se consolidou ao longo desse período, uma vez que a composição dos imaginários de Baixada Fluminense em *Senhora do Destino* se deu muito em função das representações difundidas pela mídia ao longo do tempo. Assim, tendo em vista não deixar um espaço vazio, esboçaremos um compilado dessas duas décadas, ainda muito marcadas por um imaginário da região como o “outro” exótico e perigoso²⁰.

O final da década de 1960 e, sobretudo, a década de 1970 correspondem ao período de surgimento e consolidação do esquadrão da morte²¹. Mais do que um grupo de matadores ligados à polícia e respaldados pela ditadura, essa organização veio a se constituir como uma rede complexa e reveladora de relações e interesses. Nesse sentido, o percurso das matérias da imprensa demonstrará as diversas faces do padrão de violência que conferirá à Baixada sua característica mais peculiar:

¹⁸ Essa revolta, que fez parte de um contexto histórico de “revoltas populares” que envolveu todo o estado do Rio de Janeiro, deixou 42 mortos, 700 feridos; sendo que 2 mil estabelecimentos comerciais de gênero alimentícios foram atingidos, o que gerou o prejuízo de 1 bilhão de cruzeiros. ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. *Op. cit.*

¹⁹ *Ibidem.*

²⁰ ENNE, Ana Lúcia. A ‘redescoberta’ da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. *Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, n.4, p.6-27, 2013.

²¹ ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. *Op. cit.*

Se inicialmente o destaque era para a violência policial, cometida contra cidadãos, por excesso de aplicação de força ou por engano, progressivamente vai-se concentrando nos casos de execuções determinadas por interesses de terceiros: comerciantes, traficantes e outros, com policiais surgindo como membros dos grupos de extermínio. Por outro lado, juntamente com o número crescente de inquéritos sem identificação de vítimas ou autores, e sem qualquer procedimento de investigação, intensificava-se o acompanhamento dos casos mais contundentes, permitindo-se entrever os bastidores das diversas tramas²².

Marcada, portanto, pela intensificação dos grupos de extermínio na região e por revelações produzidas pelas investigações, a década de 1970 revela o papel ambíguo desempenhado pela imprensa, que se estabelecerá entre a solidariedade e a rejeição²³. Seja funcionando como elemento de segregação da Baixada – ao identificá-la terra sem lei, câncer vizinho ou até lugar onde a feiura se associa ao crime – ou agindo como instrumento de pressão nos processos de investigações promovidas pela Delegacia de Homicídios, a imprensa do período ajudou na instauração de um *senso comum* da região como lugar perigoso.

O advento dos anos 1980, por outro lado, trará mudanças significativas na atuação dos grupos de extermínio, que passam a sequestrar suas vítimas em barracos e biroscas, ao invés de na cadeia²⁴. Ocorridas em função da crescente visibilidade que a política vinha ganhando na imprensa e nos casos investigados, a Secretaria de Segurança tenta se contrapor a essa nova fase instaurada ao longo de toda a década, mas os efeitos dos homicídios e execuções só fazem crescer.

Não sem causa, a década de 1980 se destaca como o período de maior visibilidade para a Baixada Fluminense na grande imprensa²⁵. Com matérias cada vez maiores e com grandes manchetes publicadas diariamente sobre a violência na Baixada, o quadro ganha maiores contornos com o surgimento do grupo que se autodenominava “Mão Branca”, que por de telefonemas para as delegacias avisavam sobre os lugares onde estariam os cadáveres. Nesse cenário de associação entre Baixada Fluminense e violência, a região só passa a ganhar novos contornos no início da década de 1990.

A década de 1990 e seu novo olhar sobre a Baixada

²² *Ibidem*, p.147-148.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ ENNE, Ana Lúcia. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. *Ciberlegenda*, n.14, p.1-26, 2004. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/download/222/118>. Acesso em 16/03/2024.

Reapresentada na trama quando Maria do Carmo contempla a alegria de viver em um próspero distrito que ajudou a fundar, a imagem da Baixada Fluminense na segunda fase de *Senhora do Destino* assume contornos muito diferentes daqueles apresentados no início do enredo. Passando de um ermo distante, onde corpos eram desovados, para o melhor lugar para se viver no mundo – como sempre enfatiza a protagonista – Aguinaldo Silva se desfaz de todo o resquício²⁶ deixado pela Baixada dos tempos de Tenório Cavalcanti para trabalhar com uma nova Duque de Caxias, agora redimida por um *ethos* do trabalho, e drasticamente distante de um imaginário de violência, descaso e ausências. A seguir, uma imagem da Baixada Fluminense reapresentada na trama após o salto temporal de duas décadas, remetendo ao início dos anos 1990.

Figura 2 – Maria do Carmo contempla a cidade que ajudou a construir.
No detalhe, sua loja de material de construção e sua casa



Fonte: divulgação na internet

Em *Senhora do Destino*, Vila São Miguel é um distrito de Duque de Caxias que se emancipa após a aprovação de um plebiscito popular. Retratada como um local com uma economia dinâmica, a vida na cidade é apresentada como típica da classe média, onde a maioria dos habitantes reside em uma área com infraestrutura, incluindo asfalto,

²⁶ Isso, claro, em termos de um *status* econômico e social. Em termos políticos, a figura de Reginaldo, filho mais velho de Maria do Carmo, representa as velhas práticas de violência e clientelismo já estabelecidas por Tenório Cavalcanti e a UDN.

hospitais, bancos, escolas, *shoppings*, iluminação, rede de esgoto, comércio, pontos de táxi e casas bem estruturadas. Esse cenário remete a um período de investimentos públicos e privados que caracterizaram a região na metade dos anos 1990²⁷ e que resultaram em melhorias significativas para a população, como a remodelação de vias urbanas, o surgimento de novos *shoppings*, a chegada de fábricas e empresas e a disponibilidade de ofertas em termos de consumo.

Voltando à *Senhora do Destino*, fortemente marcada por uma ética do trabalho, a maioria dos habitantes da Vila São Miguel é economicamente ativa e exerce suas profissões com seriedade: o transporte público funciona adequadamente, os médicos estão sempre atentos durante os plantões e os funcionários se dedicam ao atendimento ao cliente. A vida do cidadão comum, dividida entre trabalho e lar, é razoavelmente tranquila, e os conflitos tendem a se dissipar em meio às oportunidades, que são para todos. Apresentada como um lugar praticamente livre de violência, onde as crianças brincam livremente nas ruas, a cidade se transforma em um recanto onde os pais podem criar seus filhos com segurança e tranquilidade.

Em contraste com a vida fria da Zona Sul, onde as relações são apresentadas como superficiais e de aparência, a narrativa enfatiza a Baixada Fluminense como um lugar de possibilidade para uma vida mais calma e afetiva. Na obra, diferentes personagens da Zona Sul, como o Barão e a Baronesa de Bonsucesso, a neta deles, Maria Eduarda, o jornalista José Dirceu e Cláudia, enteada da vilã Nazaré Tedesco, passam a frequentar a Baixada e vivenciá-la a partir de seus encantos. Ali, Maria Eduarda e Cláudia, jovens que acabam se relacionando com filhos da protagonista, se vislumbram com a possibilidade que a região oferece de se construir uma casa em um lugar tranquilo, longe da correria do dia-a-dia e dos desgastes da Zona Sul. Remetendo à imagem de Baixada como um verdadeiro “recanto”, onde as famílias têm a possibilidade de criar seus filhos mais próximos da natureza e com maior liberdade, *Senhora do Destino* exalta uma Baixada da tranquilidade e da harmonia, onde a infância é mais mais livre, as pessoas mais simples e a casa está sempre cheia.

Figura 3 – Paisagens da fictícia Vila de São Miguel.
No detalhe, pessoas trabalhando e vivenciando a cidade com afeto e tranquilidade

²⁷ ENNE, Ana Lúcia. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidades*. Op. cit.



Fonte: divulgação na internet

Assim como aconteceu em *Senhora do Destino*, a década de 1990 foi marcada pela projeção de uma imagem mais positiva de Baixada Fluminense por parte da mídia e de outros atores da esfera política e econômica. Fruto de novas dinâmicas políticas e econômicas que emergem na região durante e após os anos 1990²⁸, imprimindo nela profundas transformações, a emergência de novas representações, agora atreladas às noções de progresso, desenvolvimento e mudança social, dão à Baixada novos ares, que servem como estratégias de legitimação e apropriação do território²⁹. Com o enredo situado em um momento que a temática da violência praticamente desaparece dos meios de comunicação, agora voltados para as favelas e a Zona Sul carioca³⁰, *Senhora do Destino* se insere dentro de um contexto mais amplo de novas representações de um território em disputa.

Em termos de representação midiática, o surgimento de cadernos específicos dentro de grandes jornais – como o *Globo Baixada* e o *Caderno Grande Rio*, do jornal *O Dia* – fez

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ ROCHA, André Santos da. *As representações ideais de um território: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990*. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

³⁰ ENNE, Ana Lúcia. *Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações*. *Op. cit.*

com que a Baixada ganhasse novos recortes³¹. Assim, apesar de não circularem fora da região, estes cadernos tiveram um impacto muito grande na construção de imagens positivas para a região, especialmente porque estimulavam um aumento na autoestima dos moradores.

Nesse contexto, também a cultura foi uma via importante para a produção de imagens mais positivas para a região³². Afinal, a criação e posterior crescimento dos movimentos sociais espalhados pela Baixada, seguidos pelo surgimento de inúmeras instituições ligadas à cultura – em especial casas e centros culturais – tiveram um papel relevante para o resgate de uma suposta “cultura local” e a construção da “cidadania” de seus moradores. Em *Senhora do Destino*, percebe-se a valorização da cultura de solidariedade no núcleo da Baixada Fluminense, onde vizinhos se ajudam, demonstram preocupação uns com os outros e, juntos – patrões e empregados, ricos e pobres – reúnem-se na quadra de samba para confraternizar. Nesse contexto, elementos como a escola de samba Unidos de Vila São Miguel e a culinária típica – especialmente a buchada de bode, símbolo das histórias de migração na região – são utilizados pelo autor para criar unidade entre os personagens da Baixada. Como consequência desses novos enfoques, o início da década de 1990 e, principalmente, o início dos anos 2000, veem emergir nos jornais matérias que utilizam palavras com forte efeito retórico como forma de gerar novas representações sobre a região – tais como “recanto”, “lazer” e “bucólico”, o que vai ao encontro com a Baixada apresentada na segunda fase de *Senhora do Destino*:

Além disso, existe uma percepção geral de que “a violência teria se banalizado”, teria se “espalhado para todo o Rio de Janeiro”, não sendo mais um “problema só da Baixada”. Assim, as notícias sobre “violência” continuam a ocupar as páginas da imprensa, mas hoje se referem muito mais ao município do Rio de Janeiro do que especialmente à Baixada³³.

Durante os anos 1990, a Baixada foi atravessada por uma série de eventos³⁴: fragmentação e emergência de novos municípios, criação de articulações regionais de cunho eleitoral, surgimento de novas institucionalidades, aumento de investimentos públicos e privados, aparecimento de demandas oriundas da reestruturação-territorial, entre outros. Frente ao esgotamento econômico e social da cidade do Rio de Janeiro, a Baixada passa a ser definida como a nova fronteira política e econômica de todo o estado

³¹ *Ibidem*.

³² *Idem*.

³³ ENNE, Ana Lúcia. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidades*. *Op. cit.*, p.110.

³⁴ ROCHA, André Santos da. *As representações ideais de um território: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990*. *Op. cit.*

do Rio de Janeiro, a produção de novos sentidos que se desenrolam nesse momento possibilitou que ela fosse tratada como um novo polo de desenvolvimento.

Um marco significativo para a legitimação e sustentação da Baixada Fluminense, o movimento de emancipações³⁵ representou um processo de desenvolvimento histórico, econômico e político. A nova Constituição de 1988 conferiu legalidade aos Estados para a criação de novos municípios, que se espalharam pelo país. Assim, inserida na conjuntura política nacional, a fragmentação da Baixada em novas unidades territoriais possibilitou a delimitação do território entre as elites econômicas e políticas locais. Esse cenário de efervescência política e econômica vivido pela Baixada nos anos 1990 foi explorado em *Senhora do Destino* a partir dos personagens Reginaldo e Thomas Jefferson. A narrativa aborda as emancipações a partir da ótica das disputas de poder entre políticos corruptos e irresponsáveis, que buscam apenas o benefício próprio.

Do lado da Baixada está Reginaldo Ferreira Silva, filho mais velho de Maria do Carmo, que nunca teve problemas em pegar para si o que pertencia aos outros. Desde criança demonstrando sinais de que gostava de mentir, Naldo de Vila São Miguel, como é conhecido, é um político corrupto que usa da esperança que as pessoas depositam nele como um meio de para tirar vantagens pessoais. Aliado ao partido de direita POP – Partido da Organização Popular – o vereador aproveita-se da popularidade de sua mãe para promover a emancipação do então distrito de Duque de Caxias como município, onde assume o cargo de prefeito.

Apoiado no momento que conferia à Baixada o *status* de um importante território político-eleitoral, já que a década de 1990 é marcada pela emergência de novos municípios na região, que passa a agregar a maior parte da população do estado do Rio de Janeiro³⁶, seu grande sonho é se tornar um político influente a nível nacional – governador, senador e, quiçá, Presidente da República – a partir de um forte apelo à Baixada Fluminense. Para isso, ele conta com o apoio de Giovanni Improtta³⁷, ex-bicheiro e figura de peso na região, que apadrinha sua candidatura em troca de contratos sem licitação.

Candidato a posto de dono da Baixada em meados de 1993 – mesmo ano em que Zito³⁸ começa a se tornar um homem público com maiores contornos em Duque de Caxias,

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ Ex-bicheiro, ligado ao carnaval e à política local, a figura de Giovanni revela a faceta de uma Baixada onde a associação entre política, jogo do bicho e escolas de samba é prática já estabelecida, e que encontra no município de Nilópolis e na família Abraão David um dos exemplos mais significativos. É válido ainda lembrarmos que, na trama, Giovanni é o responsável pela gestão da violência e da ordem na Baixada, sendo ele o personagem que melhor representa a imagem de uma Baixada que se perde nas porosas dobras do legal e do ilegal. TELLES, Vera da Silva. *Illegalismos urbanos e cidade. Novos Estudos*, v. 84, p.153-173, 2009.

³⁸ Também migrante nordestino que faz política na Baixada Fluminense.

ocupando o cargo de Presidente da Câmara Municipal – o personagem de Reginaldo parece se situar dentro de um contexto em que figuras populares, como Joca e Zito, estavam se estabelecendo como novos perfis políticos que marcam um novo período político³⁹. Assim, se em termos sociais e econômicos, a telenovela se alinha a um discurso midiático mais amplo de valorização e divulgação de uma imagem positiva da Baixada, em termos políticos, a partir da figura de Reginaldo Ferreira da Silva, filho mais velho de Maria do Carmo, Aguinaldo traz à baila as velhas práticas de violência e clientelismo já estabelecidos anteriormente por Tenório.

Já no que se refere ao lado da Zona Sul, Thomas Jefferson é um jovem deputado federal assumidamente populista aliado ao POR – Partido da Ordem Radical – um partido de extrema esquerda. Ambicioso – e almejando voos maiores – Thomas encontra na Baixada o lugar perfeito para dar uma guinada em sua carreira política e, de quebra, destacar ainda mais seu apelo popular-radical. Para tanto, ele decide se candidatar a prefeito de algum município da Baixada apenas mudando seu município eleitoral. Como não conhecia a região, Thomas opta por apoiar a candidatura de Reginaldo para prefeito da já emancipada Vila São Miguel, já que sabia da influência que ele tinha na região e que, por isso, poderia ajudá-lo a se tornar prefeito de Duque de Caxias, onde ele acredita ter grandes chances de ganhar. Além de apoiar a candidatura de Reginaldo à prefeito da recém-emancipada Vila de São Miguel, ele fecha com o bicheiro Giovanni Improtta o financiamento de sua campanha em troca de uma concessão de linhas de ônibus.

Inseridos em um período em que a região convivia com diferentes perfis políticos – cada um com estilos e atuações distintas – ambos os personagens se unem pelo fato de encontrarem na Baixada Fluminense um *locus* privilegiado para desenvolver seus projetos políticos. Nesse sentido, *Senhora do Destino* faz menção a um período em que conviviam na região políticos de diferentes espectros, mas que se aproximam em suas atuações, seja pelo clientelismo ou pelas formas ilegais de atuação⁴⁰.

No que toca ao cenário econômico, a emergência da representação da Baixada Fluminense como um território ideal, que também se inicia na década de 1990, ocorre principalmente em função de quatro fatores⁴¹, essenciais para a construção de novos significados para a região. O primeiro deles está relacionado ao aquecimento do mercado imobiliário em vários municípios da Baixada, especialmente Nova Iguaçu e Duque de

³⁹ BARRETO, Alessandra Siqueiro. *Cartografia política: As faces e fases da política na Baixada Fluminense*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

⁴⁰ ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. *Op. cit.*

⁴¹ ROCHA, André Santos da. *As representações ideais de um território: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990*. *Op. cit.*

Caxias, que têm servido de referência para outras localidades, destacando-se pela venda de apartamentos a partir de 200 mil reais.

Desempenhando, portanto, um papel fundamental para a promoção de uma imagem que se distancie do antigo estigma de violência e ausências, o mercado imobiliário fomenta transformações na paisagem urbana, a partir da construção de edifícios e outros empreendimentos capazes de vender a Baixada enquanto atributo espacial. Sustentada pelo turismo de negócios, essa ideia tem crescido a tal ponto que empresas internacionais, como *Mercure*, do grupo Accor, *Best Western* e os selos *Comfort Inn* e *Quality Inn*, administrados no Brasil pela Atlântica Hotels, estão associadas aos investimentos na área. Nessa conjuntura, a imagem da Baixada do futuro e do desenvolvimento econômico torna-se um fértil território para o lançamento de empreendimentos imobiliários, que podem surgir com rápido retorno financeiro.

O segundo elemento está relacionado ao considerável crescimento econômico de alguns municípios da região e à expansão dos setores terciário e industrial, ambos impulsionados pelo potencial logístico desenhado pelo Arco Metropolitano e outras vias de circulação, como a Transbaixada. Nesse contexto, a Federação de Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) desempenha um papel de destaque. Desenvolvendo, sob as perspectivas do desenvolvimento regional, uma estratégia para consolidar os interesses do capital industrial e do setor empresarial no estado do Rio de Janeiro, a entidade viabiliza a difusão de novos ares de “progresso” para a região por meio de eventos e estudos regionais. O desenvolvimento, nesses termos, aparece como uma “justificativa” para a apropriação do espaço na Baixada, e a difusão de representações em torno do “progresso”, baseadas nos potenciais logístico e produtivo, tentam descredenciar tudo o que possa remeter a uma representação hegemônica. Nesse sentido, a legitimidade das falas da entidade acerca das possibilidades de crescimento econômico e desenvolvimento para a Baixada tem sido fundamental para atrair o capital industrial e fomentar novas formas de apropriação do território.

O terceiro elemento diz respeito aos planos e programas de urbanização que vêm sendo desenvolvidos especificamente para a Baixada – como o *Nova Baixada* e o *Baixada Viva*. Entendidos como um tipo de ação estratégica capaz de captar recursos e votos nessa base territorial, essa forma de atuação do Estado, seja na esfera federal ou na estadual, tem sido um importante agente no processo de mudança e intervenção da área. Dessa forma, mais do que nomes de programas de governo, tais termos remetem a noções e movimentos

de mudança. São, na realidade, formas de concretizar “políticas de significado” ao território da Baixada⁴².

Assim, a percepção da Baixada como um território ideal na vida política reflete nas divulgações dos impactos positivos desses programas do governo, que enfatizam a melhoria na qualidade de vida dos moradores da Baixada Fluminense. A apresentação de obras em jornais e a divulgação de matérias que legitimam as ações do governo sobre o território travestem as políticas de significado que, ao mesmo tempo, legitimam a Baixada e fornecem crédito ao governo como um importante agente de mudança de sentidos da região.

O quarto e último fator diz respeito ao acirramento das disputas sobre a cartografia eleitoral da região, que representa 36% do eleitorado do estado do Rio de Janeiro. Com uma visibilidade política que ganha maior destaque especialmente a partir os anos 1990, a Baixada passa por um processo de configuração de novos movimentos sociais e alianças políticas. Palco de disputas territoriais, a região se constrói entre um fato – o ato legal das emancipações – e um conjunto de ideias – as articulações e negociações políticas – que ampliam as questões relativas à ambivalência de seus limites territoriais, galgados por agentes em diferentes campos de poder:

Esse conjunto de fatores mencionados, são associados ao surgimento de atores, agentes e organizações que se articulam em torno da Baixada Fluminense. Como exemplo das instituições e organizações, podemos citar: a) a Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense, criada no início dos anos 1990; b) presença da FIRJAN com duas regionais na Baixada e promoção de debates sobre o desenvolvimento regional; c) ações do governo Estadual na constituição de uma secretaria específica para a Baixada Fluminense; d) constituição de consórcios intermunicipais na Baixada como o CISBAF – Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense; e) Projeção de instituições de movimentos culturalistas e historicistas como o IPAHB e a APPH-CLIO que reforçam sua representação⁴³.

Outro fator que contribuiu para a diminuição da distância geográfica e social entre os moradores da Baixada Fluminense e os da cidade do Rio de Janeiro foi a construção da Linha Vermelha, em 1992, que não somente transformou o tecido urbano e sua malha de transporte, como se tornou um marco na construção simbólica do que antes se entendia por Baixada Fluminense, bem como de sua distância, não só física, mas simbólica do Rio de Janeiro⁴⁴.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Ibidem*, p.71.

⁴⁴ ENNE, Ana Lúcia. A ‘redescoberta’ da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. *Op. cit.*

Com essa intervenção urbana, o tempo de percurso entre alguns municípios da Baixada e a cidade do Rio diminuiu consideravelmente – na medida em que, dependendo do município da Baixada, a distância de um ponto a outro não ultrapassa vinte minutos. *Senhora do Destino* soube explorar a centralidade da Linha Vermelha, evidenciada pela constante passagem dos personagens da Baixada para a Zona Sul e da Zona Sul para a Baixada. Aparecendo na narrativa de maneira sutil, porém marcante, ela foi fundamental para a apresentação de uma Baixada articulada à capital, não somente em termos geográficos, mas também sociais. Na obra, Dirceu, famoso jornalista e morador da Zona Sul, atravessava todos os dias a Linha Vermelha para ver sua amada Maria do Carmo na Baixada Fluminense e resolver os problemas da família. Inversamente, Viriato, filho de Maria do Carmo, pegava diariamente a Linha Vermelha para trabalhar no Monsieur Vatel, restaurante francês badalado em Ipanema. O mesmo trajeto fazia Sebastião, irmão de Maria do Carmo e motorista do Barão e da Baronesa de Bonsucesso, que todos os dias dirigia da Baixada à Copacabana. Era também pela Linha Vermelha que Maria Eduarda seguia para se encontrar com seu amado em Vila São Miguel, assim como era por ela que Leandro, filho do meio de Maria do Carmo, dirigia de Vila São Miguel até o bairro do Peixoto para ir ter com Cláudia, sua namorada, na Zona Sul. Aliás, foi também na altura da Linha Vermelha que Nazaré marcou duas vezes de se encontrar com Maria do Carmo em um galpão abandonado na tentativa de extorqui-la.

Fundamental, portanto, para a passagem dos personagens da Baixada para a Zona Sul e vice-versa, a importância da Linha Vermelha aparece em *Senhora do Destino* como um símbolo da diminuição das distâncias territoriais e sociais entre os personagens da Baixada Fluminense e da Zona Sul. Como a segunda parte de seu enredo se passa entre os anos de 1993/1994 – quando a construção da via ainda era novidade – Agnaldo Silva sempre enfatiza, através da fala de seus personagens, que é a Linha Vermelha a ponte que une e, ao mesmo tempo, separa essas diferentes esferas da trama.

Figura 4 – A Linha Vermelha como símbolo de integração entre a Baixada Fluminense e a Zona Sul do Rio de Janeiro.



Fonte: divulgação na internet

Fica claro, portanto, que a difusão de ares de desenvolvimento e progresso para a Baixada feita por diferentes atores – e muito percebida em reportagens, propagandas imobiliárias e eleitorais, anúncios em jornais de grande circulação, seminários sobre desenvolvimento regional, *folders* e *outdoors* – é parte de um esforço maior que busca legitimar a apropriação e uso da Baixada Fluminense em torno de interesses do capital industrial.

Em sintonia com os discursos de diferentes agentes que consolidam uma imagem de uma Baixada fluida, dinâmica e processual⁴⁵, *Senhora do Destino* mescla elementos de uma já consolidada representação hegemônica com outros que remetem à ideia de um território ideal em termos de produção e consumo. Vista no todo, a obra encaminha para a composição de uma Baixada em franco desenvolvimento.

Considerações Finais

A indústria cultural está, desde seus primórdios, imbricada de interpretações nacionais. Neste cenário, também a telenovela se converteu em uma janela de representação do mundo, destacando-se por seu forte apelo nacional. No caso das telenovelas da Globo, consolidadas por seu apelo à modernidade e à liberação de costumes, notória é a forte presença da cidade do Rio de Janeiro, apresentado como síntese de um Brasil urbano e contemporâneo. Diante disso, este artigo buscou refletir em que momento a Baixada Fluminense, historicamente estigmatizada como o “outro” do Rio de Janeiro, se torna o Brasil numa telenovela do horário nobre da emissora de maior audiência da

⁴⁵ *Ibidem*.

televisão brasileira. Para isso, consideramos uma série de contextos, ações e discursos de diferentes agentes que permitiram à obra compor com sucesso sua Baixada nacional.

Embalada pelo vigor do lulismo dos anos 2000, *Senhora do Destino* trouxe à cena uma narrativa incomum à *performance* da telenovela brasileira, que colocou como centro não o Rio de Janeiro – representado como a Zona Sul – mas a Baixada Fluminense. Exaltada na trama como o lugar de consumo, trabalho, pessoas humildes e relações autênticas, a Baixada apresentada por Aguinaldo Silva inverteu a costumeira situação apresentada nas telenovelas em que os ricos não trabalham, e mesmo assim são cercados de bens de consumo e do universo simbólico que é aspirado socialmente, enquanto os pobres só se destacam por viverem personagens cômicos. Afinal, é na Baixada que estão os personagens mais ricos.

Por meio de uma carga dramática que acompanhou a ascensão de uma “classe de trabalhadores⁴⁶”, que teve seu palco privilegiado pelo vigor do lulismo, a obra revelou certa intencionalidade autoral e um investimento simbólico midiático⁴⁷. Em sintonia com as modulações socioeconômicas vivenciadas no Brasil e atento à ascensão de uma nova classe social, que também quer se ver representada na televisão, Aguinaldo trouxe à cena uma Baixada híbrida, fluida e flexível, que mesclando legalidade e ilegalidade, violência e paz, passa de um ermo distante e violento, marcado pela ausência e pelo descaso, para um imaginário ideal de território em termos eleitorais, de vida e de consumo.

No início, apresentada como “terra do Dr. Tenório”, um fim de mundo no meio do nada, onde corpos eram desovados, e apenas pessoas pobres – geralmente imigrantes nordestinos – buscavam refúgio; a Baixada Fluminense reaparece na trama 25 anos mais tarde com contornos totalmente distintos. A antiga Baixada do descaso, da violência e da pobreza do fim dos anos 1960 cede espaço a um lugar do desenvolvimento, da harmonia e da paz, onde as pessoas são trabalhadoras e sentem orgulho do lugar onde vivem.

Nordestino, jornalista e com uma consolidada experiência em Baixada Fluminense, Aguinaldo Silva investiu tanto em seu amplo conhecimento como repórter de caderno de polícia, como em sua especialidade em figuras populares e locações no Nordeste, para dar os contornos a uma Baixada flexível, capaz de ganhar um *status* nacional. Em consonância com as imagens que a mídia e outros atores da esfera econômica e social construíram da Baixada ao longo das décadas, o autor toma de carona o ano de 2004, quando a Baixada

⁴⁶ Expressão de Jessé de Souza. SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros*. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

⁴⁷ DRUMOND, Rafael. A divina paródia da ‘nova classe média’: notas sobre a teleconstrução do subúrbio na novela Avenida Brasil. *Mediação*, v.16, n.19, p.159-174, 2014. Disponível em http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2222/pdf_18. Acesso em 14/03/2024.

ganhava o cenário nacional a partir das eleições municipais de Nova Iguaçu, para compor uma Baixada dos brasileiros⁴⁸.

Com um enredo situado no vigor dos anos 1990 – momento em que frente ao esgotamento social e político da cidade do Rio de Janeiro – o tema da violência praticamente desaparece nos grandes jornais cariocas e a Baixada Fluminense passa a ser exaltada na grande imprensa como um lugar de possibilidades, *Senhora do Destino* construiu a imagem de uma Baixada em pleno desenvolvimento, local de trabalho e consumo, marcada também por certo quê de “bucólico” e de “recanto”, que a torna um local ideal para viver e criar os filhos. Nesse cenário a recém construída Linha Vermelha foi explorada na trama como símbolo da diminuição das distâncias territoriais e sociais entre os diferentes núcleos. Essa aproximação com a cidade do Rio foi fundamental para aproximá-la do ideal de modernidade e brasilidade já consolidado em outras obras.

Escolhida, portanto, por ter se consolidado como um marco das representações de Baixada Fluminense na ficção televisiva, a análise de *Senhora do Destino* nos permitiu descortinar um horizonte que vai muito além da ficção, onde a apresentação de uma Baixada múltipla em uma novela do horário nobre, que ora a aproxima de uma representação hegemônica e ora a encaminha para uma valorização ideal, se associa a um contexto sociológico maior, que envolve outros agentes de campos políticos, econômicos e sociais.

Dessa forma, sem negar ou apagar o fato de que o Rio de Janeiro continua sendo modelo de brasilidade para as telenovelas, a Baixada Fluminense apresentada em *Senhora do Destino* expande a noção de Brasil para além dos limites da Zona Sul, sendo identificada como o lugar de informalidade e pessoas mais simples, que vivem com alegria e que também representam o povo brasileiro. Nesse sentido, assim como aconteceu com as representações construídas pela grande imprensa carioca, as diferentes imagens e vozes que remetiam à Baixada imaginada por Aguinaldo – e que lhe conferiram um sentido polissêmico – acabam se encontrando no elogio do “novo”, que chegou para ficar.

Recebido em 19 de outubro de 2024.

Aceito em 10 de janeiro de 2025.

⁴⁸ Em 2004, a candidatura de Lindberg Farias para a prefeitura de Nova Iguaçu fez com que a Baixada assumisse novos contornos nacionais, de modo que as relações do poder local foram reconfiguradas para além das fronteiras fluminenses.